

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Murilo, poeta crítico: a correspondência com João Cabral entre 1963 e 1975

Raphael Salomão Khéde

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8031>

Submetido em: 2024-02-03

Postado em: 2024-02-14 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Sonia NETTO SALOMÃO (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2929-6701>)

Murilo, poeta crítico: a correspondência com João Cabral entre 1963 e 1975¹

Murilo, critical poet: correspondence with João Cabral between 1963 and 1975

Raphael Salomão Khéde²

Resumo

No arquivo da Casa Rui Barbosa, estão preservadas as cartas enviadas por Murilo Mendes (1901-1975) para João Cabral de Melo Neto (1922-1999), escritas entre 1943 e 1975. O epistolário, ainda inédito, é constituído de 147 peças, entre cartas, bilhetes e cartões postais e traz inúmeras informações sobre a poética dos dois autores, sobre a troca intelectual entre eles, sobre a gênese de seus textos, além de dados biográficos ainda pouco conhecidos. Através das cartas, Murilo envia seus textos para que o amigo os avalie e, ao mesmo tempo, exerce seu lado crítico ao dar conselhos ou propor modificações nos poemas de João Cabral.

Palavras-chave: Murilo Mendes; João Cabral de Melo Neto; correspondência inédita; poesia brasileira.

¹ Não há conflito de interesse no manuscrito.

² Professor Adjunto de Língua e Literatura Italiana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
<https://orcid.org/0000-0003-3736-2526>

Abstract

In the archive of Rui Barbosa House are preserved the letters sent by Murilo Mendes (1901-1975) to João Cabral de Melo Neto (1922-1999), written between 1943 and 1975. The epistolary, still unpublished, consists of 147 pieces, including letters, notes and postcards and brings countless information about the poetics of the two authors, about the intellectual exchange between them, about the genesis of their texts, in addition to biographical data that is still little known. Through the letters, Murilo sends his texts for his friend to evaluate and, at the same time, he exercises his critical side when giving advice or proposing changes in João's poems.

Keywords: Murilo Mendes; João Cabral de Melo Neto; unpublished correspondence; Brazilian poetry.

Abstract

Nell'archivio della Casa Rui Barbosa sono custodite le lettere spedite da Murilo Mendes (1901-1975) a João Cabral de Melo Neto (1922-1999), scritte tra il 1943 e il 1975. L'epistolario, ancora inedito, è costituito da 147 documenti, tra lettere, biglietti e cartoline e fornisce diverse informazioni sulla poetica dei due autori, sul loro scambio intellettuale, sulla genesi dei loro testi, oltre a dati biografici tuttora poco conosciuti. Attraverso le lettere, Murilo invia i suoi testi affinché l'amico li valuti e allo stesso tempo esercita il suo senso critico dando consigli o proponendo modifiche nei poemi di João.

Parole chiave: Murilo Mendes; João Cabral de Melo Neto; epistolario inedito; poesia brasiliana.

No Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa³ no Rio de Janeiro, estão preservadas 147 peças (ainda inéditas⁴) da autoria de Murilo Mendes dirigidas a João Cabral de Melo Neto, entre cartas, bilhetes e cartões postais escritos entre novembro de 1943 e março de 1975. No arquivo, encontram-se somente seis cartas⁵ de João Cabral que serão citadas ao longo do ensaio⁶. Vista a quantidade das

³ Agradeço à equipe do Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa pela atenção e disponibilidade. Visto que nas cartas o uso de sinais "paragrafemáticos" (SERIANNI, 2006) é oscilante, a opção escolhida na transcrição foi a de adotar um padrão único: o itálico foi usado para título de livros e as aspas duplas foram utilizadas para citações e título de artigos.

⁴ O ensaio de Carlos Mendes de Souza, publicado em 2019, representa a primeira tentativa de transcrição de cartas desta correspondência.

⁵ A carta de Sevilha de 14 de fevereiro de 1957; a de Monte Carlo de 22 de janeiro de 1959; a de Lisboa recebida por Murilo no dia 20 de agosto de 1966; a de Berna de 13 de outubro de 1966; a de Berna de 16 de novembro de 1966; a de Barcelona do dia 24 de março de 1969.

⁶ Há um trecho famoso de um depoimento de João Cabral sobre a obra de Murilo Mendes citado por Haroldo de Campos (1963) e por Laís de Corrêa Araújo (1972): "Sua poesia me foi sempre mestra, pela plasticidade e novidade da imagem. Sobretudo foi ela que me ensinou a dar precedência à imagem sobre a mensagem, ao plástico sobre o discursivo".

cartas⁷, considerou-se oportuno dividir o trabalho de reconstrução da correspondência em duas etapas. Portanto, o objetivo do presente ensaio será percorrer a correspondência dirigida por Murilo a João Cabral, entre 1963 e 1975, com ênfase na troca intelectual feita de leituras críticas e de conselhos recíprocos. As cartas referem sobre diversas questões biográficas: as várias mudanças de João Cabral como diplomata de Madri para Barcelona, Sevilha, Marselha, Assunção, ou os pedidos de ajuda por parte de Murilo em relação ao seu contrato de professor universitário em Roma que dependia de intermediações e de questões burocráticas ligadas ao Itamarati. A correspondência traz ampla informação sobre o interesse comum, nutrido pelos dois poetas, pelo flamenco⁸ (a ponto de se disponibilizarem na organização de uma apresentação de bailarinas de flamenco na Itália), assim como registra pedidos e conselhos sobre hotéis, hospedagens, férias. No epistolário, onde há muitos convites por parte de Murilo para que João Cabral vá visitá-lo, resulta evidente o esforço despendido pelo poeta mineiro para a divulgação e a tradução da obra de João Cabral na Itália. Entre o material preservado, existem vários cartões coloridos (feitos com recortes e colagens) que Murilo e Saudade costumavam enviar para os amigos no final de cada ano. Há, também, muitas referências à remessa de livros, conforme o exemplo da carta de 17 de fevereiro de 1963: “Quanto à *História de Portugal*, a livraria Morais não poderia mesmo mandar-lhe conta, pois é um pequeno presente meu a você. Nunca soube se você recebeu os livros ingleses que emprestou a Saudade em Madrid e que lhe mandei de Lisboa. Ficou de fora o de Forster, que seguirá esta semana”. Nas epístolas, são frequentes as referências a eventos culturais, exposições, apresentações de livros, como, por exemplo, na carta do dia 17 de março de 1963: “Chega hoje o Weissmann cuja exposição, proposta por mim à Embaixada, deverá ser inaugurada a 22. Mandar-lhe-ei o catálogo onde v. é citado”. Além do postal de 22 de agosto de 63 assinado também por Mário Pedrosa, há um postal de 11 de outubro de 1963 enviado de Marrakesh onde Murilo e Saudade escrevem: “Temos achado fabuloso o Marrocos”. Através da carta de 3/11/63, Murilo, após contar da viagem ao Marrocos, informa o amigo sobre suas leituras da *Divina Comédia* e as visitas de Vinicius de Moraes e de Carlos Scliar:

⁷ Castañon refletiu sobre a fragmentação do gênero epistolar, caracterizado pela dialética entre o lado público e o privado e por ser um gênero híbrido. O crítico apontou para a forma “instável” das cartas e para a sua condição lacunar e precária, cujo conhecimento depende das inúmeras possibilidades de divulgação e de conservação (GUIMARÃES, 2004, pp. 21-22).

⁸ Carvalho (2011) investigou de forma detalhada a relação de Murilo Mendes e João Cabral através da paixão comum pela Espanha.

De resto, acabara de ler o 5º canto do *Inferno* (Paolo e Francesca), o célebre canto cheio de erros onomatopaicos, p. ex. no verso: *Stavvi Minós orribilmente, e ringhia* [...]. Há dias esteve aqui o poeta Vinicius, que nos perguntou muito por vocês. Com todo o seu charme e simpatia, não conseguiu me persuadir da superioridade da bossa nova sobre o cante jondo. Passou também o Scliar [...].

Na carta de 22 de dezembro de 1963, Murilo escreve acusando a recepção dos recém-publicados *Poemas Escolhidos* (antologia portuguesa dos poemas de João Cabral, com seleção de Alexandre O'Neill e prefácio de Alexandre Pinheiro Torres) e destaca alguns elementos da poética do autor:

Recebemos em tempo devido, e agradecemos, os *Poemas Escolhidos*. De modo geral, achei bom o estudo do Pinheiro Torres, se bem que esteja longe de explorar a fundo sua obra. Apreciei também que ele tivesse dado ao leitor português alguns informes diretos sobre o Nordeste. Caberia até mesmo um pequeno glossário. Quanto à escolha dos textos: claro que uma antologia nunca satisfaz a todos. Não posso, entretanto, perdoar ao O'Neill ter omitido os “Estudos para uma bailadora andaluza”, que me parecem figurar entre seus textos fundamentais. Aproveitei a oportunidade para ler tantas páginas que me são, evidentemente, familiares, mas que nos parecem sempre novas. Em particular “Uma faca só lâmina” e “A palo seco” são algo de formidável, definitivo. Curioso é que v. quer liquidar o canto, mas “secondo me”, não o consegue. Mesmo porque a forma quaternária, quase sempre usada, não o permite. Você renovou o canto, despojando-o de todos os ornatos. É por assim dizer o esqueleto do canto, mas por isso mesmo mais forte.

Nesta carta, Murilo fornece informações sobre sua nova residência em Roma, para a qual convida o amigo:

Esperamos poder recebê-los no nosso novo apartamento. Com efeito, depois de quase 7 anos passados aqui em Castro Pretorio, perto da estação, lugar feio, vamos nos mudar para um lugar muito romano, Via del Consolato, 6, perto do Castel Sant'Angelo, da Piazza Navona e da Piazza Farnese.

A carta de 15 de março de 1964 menciona uma visita de Haroldo de Campos ao apartamento para o qual Murilo e Saudade haviam se mudado há pouco, ao lado do prédio do poeta e amigo Rafael Alberti. No final da epístola (na qual acena, também, à sua paixão pela coleção de obras de arte), o poeta mineiro se interessa em saber o que João Cabral achava da publicação da *Poesia do Brasil* (antologia da poesia brasileira organizada por Manuel Bandeira com a colaboração de José Guilherme Merquior):

O Haroldo esteve aqui o mês passado; proporcionei-lhe contatos interessantes com a turma nova; ele me confiou planos mirabolantes de divulgação de obras brasileiras na Europa, e parece muito eufórico com a repercussão internacional da poesia concreta. De qualquer forma, é muito inteligente, culto e simpático (você bem o sabe, de resto). Ele me disse que sairia já a tradução alemã (Max Bense) de *O cão sem plumas* [...]. Voltando a Roma: nossa casa está muito adiantada. Estamos num dos “quartieri” mais antigos e característicos de Roma (a 200 metros moram Rafael Alberti e María Teresa León, muito simpáticos. Vemo-nos de vez em quando. Querem fixar-se em Roma). A casa é espaçosa, e bem melhor que a antiga. Tudo caiado de novo.

Os quadros ressaltam bem (inútil dizer que não há nenhum informal). [...] Que acha você da *Poesia do Brasil* de Bandeira-Merquior?... Sou suspeito para opinar pois fui tão generosamente contemplado ali.

Na carta de 30 de maio de 1964, Murilo informa João Cabral sobre a sua participação na seleção de obras brasileiras para a Bienal de Veneza e as complicações relacionadas ao caso. Murilo chegou ao Brasil na véspera do Golpe militar; o poeta faz questão de mencionar a data exata da viagem e, no final da epístola, se demonstra decepcionado com os problemas do país:

Há muito que não lhe escrevo, mas tenho tido pelo Lauro notícias de vocês. De resto ando meio covarde para escrever, visto ter muito trabalho como professor, e outras cositas más. Não sei se soube que estive 3 semanas no Brasil, havendo chegado ao Rio a 31 de março. O departamento cultural convidara-me para ajudar na seleção das obras brasileiras que virão à Veneza, tarefa ingrata, pois se contenta 8 pessoas e se descontenta 500 ou mais. Fui investido de uma autoridade a qual não pretendia. Trabalho feito muito em harmonia com os meus colegas de comissão mas, como você poderá avaliar, numa atmosfera difícil, e tudo muito às pressas. A bienal está batendo às portas, querem que eu vá à Veneza fazer a seleção final, pois de 25 trabalhos de cada artista resolveram os maiores descê-los a 10, pois os 25 de cada não caberiam no pavilhão, que de resto se está construindo!... Até este momento o material não chegou, imagine. Impossível fazer-lhe um relatório do que vi e ouvi no Brasil. Voltei “amareggiato”, como se diz na Itália, e com uma pena enorme do Brasil, dos seus problemas gigantescos, dos milhões de homens passando fome, especialmente dos nordestinos. E, acima de tudo, triste por lembrar que tendo já 63 anos, não assistirei à solução destes problemas.

Na mesma carta, se refere à publicação de três textos, um dos quais, a antologia publicada em Portugal, pode ter sido apreendido, segundo o poeta, pela polícia do regime de Salazar:

Saíram recentemente 3 livros meus: um *Magnelli* com numerosas reproduções, sendo muitas a cor, texto italiano, inglês e francês, livro grande, de belo aspecto; a integral de *As metamorfoses*, bilíngue, numa importante coleção de poesia em que já saíram Mallarmé, Cummings, Pound e outros iguais; imagine você: nunca pensei andar em tais alturas. E por fim a ma. *Antologia poética*, em Lisboa, no “Círculo de poesia” da livraria Morais. Este livro (j’y tiens beaucoup) saiu há vários dias, e ainda não o vi. Receio que a polícia salazarista tenha feito uma ursada a mim e ao editor.

Na carta de 8 de janeiro de 1965, Murilo escreve agradecendo João Cabral pela escolha dos poemas selecionados para uma antologia que deveria ser publicada no Brasil pela Agir (e que na realidade será publicada somente em 1976 pela Fontana/INL). Nesta carta, o poeta mineiro faz referência ao artigo “Murilo Mendes ou a poética do visionário” de José Guilherme Merquior:

Antes de tudo, muito obrigado por ter aceitado fazer o plano da minha antologia. [...] O Merquior escreveu um longo e interessante artigo a meu respeito, fazendo-me justiça em certos pontos. Isto me dá satisfação mormente ao pensar que a maioria dos nossos bisonhos críticos desembarça-

se da minha obra com uma penada, taxando-a de hermética ou condenando-a por “falta de artesanato”.

Há um cartão enviado de Gênova em 28 de janeiro de 1965, assinado por Rafael Alberti e Antonio Candido, reunidos no Congresso Internacional de Escritores. Na carta de 31 de janeiro de 1965, Murilo lamenta a ausência de João Cabral no congresso: “Você fez muita falta no congresso. Foi gente interessante. Dos nossos, além dos jovens cineastas, havia Antonio Candido e Guimarães Rosa”. No prosseguir da carta, Murilo escreve:

Na véspera de partir para Genova – isto é, a 26 – recebi a antologia. Mas eu não pedi para você se ocupar do material datilográfico; só organizar a lista não foi pouco. Gratíssimo por tudo. Achei a escolha ótima. Como você me sugeriu que escolhesse mais uns 20 textos, achei melhor incluir mais algumas páginas de *Tempo espanhol*, que foi pouco divulgado no Brasil. Estou muito satisfeito e, repito, honrado com a sua aquiescência a este trabalho.

Em 28 de maio de 1965, Murilo informa o amigo sobre a criação de suas obras:

Quanto a mim, estou trabalhando como há muitos anos não o fazia. Terminei um livro de poesia – *Contacto* (70 textos) –, e estou escrevendo outro, também de poesia, muito diferente do primeiro; às voltas com um terceiro, de prosa, cujo título provisório é *Poliedro*. Você comparece também neste último. Do *Contacto* consta um “Murilograma a João Cabral de Melo Neto”, do qual lhe falei, há uns meses, pelo telefone. Fiz e refiz o texto várias vezes, e agora penso que cheguei à redação definitiva. Diga-me se devo mandá-lo a Genève ou a Berne.

Em 5 de novembro de 1965, Murilo escreve a João Cabral solicitando sugestões críticas para seus textos:

Mandei-lhe há dias a cópia única do meu livro *Contacto*, esperando seu juízo e sugestão. Acha que devo retirar textos, modificar versos ou estrofes, e quais? O Rubem Braga escreveu-me dizendo que não poderá editar a minha antologia porque descobriram que na Agir existem ainda muitos exemplares da outra antologia, publicada em Lisboa. Espero entretanto que em tempo não remoto possa a nova antologia ser publicada, para que não se perca o seu trabalho. Parece que o serviço de distribuição da Agir é imperfeito.

Em 28 de abril de 1966, Murilo informa o amigo sobre a elaboração e a publicação de seus textos: “Mandei uma cópia de *Contacto* para o Merquior, pedindo-lhe que faça sondagens nalguma editora. Terminei outro livro de poesia *Exercícios*, experimental, mas não à altura do outro”. A carta de 28 de agosto de 1966 traz informações sobre a troca de conselhos entre os poetas e sobre o processo de gestação e de editoração de alguns textos de Murilo Mendes deste período:

Fiquei muito satisfeito com a sua opinião sobre *Poliedro* e *Contacto*, digo – *Exercícios*. Quanto a mandar o v. para a “Editora do Autor”, de pleno acordo; só que ainda são necessários alguns retoques, emendas de acentos, etc. De forma que lhe peço o favor de guardar a cópia até o meu regresso a Roma. De acordo, também em mandar *Exercícios* para ser publicado junto ao *Contacto*.

Quando puder, faça-me então a gentileza de expedir uma cópia ao Frei Benevenuto. Grazie mille. Terminei a *Idade do serrote*, prosa, 40 episódios da minha infância e adolescência. Vou lhe expedir uma cópia, mas não é pa. você se ocupar em procurar-lhe editor. Só para opinar, e sem pressa. Agora que estou livre, vou retomar *Figuras*, prosa, pequenos “retratos” de poetas, escritores, pintores, músicos, etc; entre eles, um J. C. M. N. Depois penso depor a pena, chega. Ouvi dizer que a “Editora do Autor” anda muito mal de finanças. Você sabe algo a respeito? Espero com ansiedade a *Educação pela pedra*. [...] Há em *Poliedro* algumas páginas com dedicatórias, que deverão constar de uma nota no fim do livro.

Há uma carta enviada de Lisboa em 20 de agosto de 1966 por João Cabral, na qual resultam evidentes a sua participação fundamental no processo de elaboração dos textos de Murilo e a sua função de mediador na publicação das obras do poeta mineiro:

Mil desculpas por não ter dito antes que recebi *Exercícios* e *Poliedro*. [...] Achei seus dois livros da maior importância, igual pelo menos a de *Contacto*; e creio que é urgente que você os publique logo. Porque não juntar *Exercícios* e *Contacto*, isto é a edição que está sendo feita? Quanto a *Poliedro*: será que v. quer que eu sugira à “Editora do Autor” uma edição ou tem algum inconveniente?

Na carta de 10 de outubro de 1966, Murilo fornece informações sobre uma viagem a Paris onde encontrou Merquior, visitou uma exposição de Vermeer e foi ao enterro de Breton. O poeta mineiro pede para João Cabral lhe enviar os originais de seus dois livros:

Rogo-lhe o favor de me expedir os dois: fiz várias correções na cópia, desejo fazê-las também nos originais. Depois então veremos o caso da publicação. Confesso que estou meio desanimado em publicar *A idade do serrote*: lembranças, memórias, fragmentos autobiográficos, narcisismo, num momento como este, de tantas apreensões para todos, no Brasil, no sudoeste asiático, etc. Acho melhor deixá-lo na gaveta. *Poliedro* me parece mais atual.

Em 13 de outubro João Cabral responde à carta de Murilo do dia 10:

Estou mandando hoje os originais de seus dois livros. Ainda não tive resposta do Braga sobre a publicação de *Poliedro*. Quanto à *Idade do serrote*: não creio que seus escrúpulos tenham razão de ser. Acho mesmo que v. devia dar preferência ao “serrote” na ordem de publicação. *Poliedro* é um livro aberto, que v. certamente ainda continuará, ampliará. Em todo caso, assim que tenho resposta do Braga, avisarei.

No dia 18 de outubro de 1966, Murilo agradece o amigo pela leitura dos seus textos:

Recebi ontem o livro. Tudo ok. Muito obrigado pelo trabalho que teve. Também por ter expedido a cópia de *Exercício* a Frei Benevenuto. Rendo-me às suas razões: se houver editor, publiquemos então o *Serrote*. De resto, fui reler o livro, e verifiquei a atualidade de certas páginas contra a guerra, o nazismo, a crueldade etc. Estou fazendo novas correções, depois passarei o texto por alguns dias a Luciana Stegagno. Depois estará às suas ordens, às do Braga ou de outro editor.

A carta de 8 de novembro de 1966 revela a leitura crítica atenta que Murilo fazia dos textos de João Cabral:

Cada vez que você publica um livro tem-se a ideia que a segurança e a severidade da forma, o rigor da construção, a censura ao “canto”, chegaram ao extremo limite, não lhe sendo mais possível ultrapassá-lo. Mas eis que o livro seguinte parece-nos ainda mais cerrado, mais forte, mais cabralino. É o que acontece com *A educação pela pedra*; julgo-o, errado ou não, o mais severo de seus livros, o mais “duro”, o que melhor manifesta as grandes linhas da sua estética. É um livro impressionante que me deixou meio tonto; entretanto estou acostumado a ler poetas “duros”. Sua orientação, digamos, estrutural, é mais do que evidente aqui. Fortíssimo também o seu poder satírico; creio que a partir, sobretudo, de *Os dois parlamentos*, você renova a sátira em língua portuguesa; com um poder, digo, com uma força ao mesmo tempo sóbria e contundente. A notar ainda a estrutura das “repetições” (faltame no momento o termo técnico, ando com a memória ruim), particularmente réussie. De propósito escrevo esta sem consultar o livro: prefiro resumir a minha primeira sensação de leitura, que, grosso modo, julgo a mais acertada. É óbvio que se eu fizesse a consulta outros pontos me viriam à cabeça. Mas, repito, prefiro manter a observação capital, a da absoluta correspondência entre o texto e o que você de há muito se propõe. Voltarei muitas vezes a esta pedra – já que a pedra é dos objetos que mais me educaram até hoje; então quando se trata duma pedra cabralina!

Nesta mesma carta, Murilo afirma que sua esposa Saudade, como tradutora, “fica desesperada com a dificuldade de seus textos; gostaria de traduzir alguns para o francês ou o italiano, mas é consciente demais. Io la capisco”. Nas cartas, há várias referências a fatos da biografia do poeta mineiro em Roma: encontros, contatos, iniciativas editoriais. Em 14 de janeiro de 1967, Murilo agradece João “por haver escrito ao Sabino sobre o *Serrote*”; em 29 de janeiro do mesmo ano, o poeta mineiro se demonstra “grato também pela fotocópia da carta do Sabino, e pelo interesse que você tem tomado na edição do *Serrote*. Estou fazendo as últimas alterações, e na semana seguinte seguirá pa. o Rio o dito *Serrote*”. Na carta de 18 de maio de 1967, declara sua satisfação pela promoção em Barcelona de João Cabral e acrescenta:

É verdade que nem sei se terei férias: como v. sabe, eu recebia meus vencimentos pela verba de “adido cultural” (cargo que de fato nunca exerci), mas agora o governo resolveu que os adidos não ficarão mais de 2 anos no exterior; de forma que, como professor, eu não poderia receber mais de US\$ 800,00 (trabalhando em duas universidades), o que não me dá para viver decentemente. O secretário geral e o Donatelo me escreveram dizendo que me apoiam em tudo. E meu irmão Paulo, que é deputado estadual pelo E. do Rio, conversou com o Min. Magalhães Pinto, que lhe declarou ver o meu caso “com muita simpatia”. Escrevi ao Donatelo perguntando-lhe se eles não poderão fazer como em outros casos, transferências de verba a fim de se atingir os US\$ 1.200,00?... Enfim, espero com paciência o desfecho da questão. Disse ao Donatelo: “Adoro o Brasil, mas a ideia de voltar para ser escrivão na Guanabara depois de 10 anos de professor em Roma e Pisa, me espaventa”.

A carta de 18 de maio de 1967 revela o quanto eram fundamentais os conselhos e as análises de João Cabral: “Mando-lhe uma cópia da carta do Sabino sobre *A idade do serrote*; já que você é o padrinho do livro”. E logo em seguida, afirma que “gostaria muito de receber uma cópia da poesia que a Luciana traduziu de *A educação pela pedra*: ela me disse que se esqueceu de tirar cópia da mesma”. Murilo faz referência também ao processo de escrita de *Espaço espanhol* (livro que foi escrito entre 1966 e 1969 e publicado somente em 1994): “O *Espaço espanhol* está avançadíssimo, mais de dois terços. Agora cheguei ao ponto crucial: a página sobre Sevilha. Penso com os meus botões: ‘Meu Deus, imagina o João lendo isto!’ e começo a suar”. Na carta de 5 de julho de 1968 há outra referência à sua situação econômica e a um projeto de viagem em agosto daquele ano à Espanha:

Vamos entrar em regime de economia, pois deixarei o Instituto a 1º de setembro, passando a ganhar 800 dólares em vez de 1200, como recebia no Instituto e, nos últimos anos, como professor. O Gilson, superando inúmeras dificuldades, conseguiu arranjar minha volta à Universidade. Muitos amigos se mexeram – entre estes, estou certo de que também você – e de novo lhe agradeço. Mas estando o Gilson com o poder na mão, pôde resolver o caso, mas não pôde evitar o violento corte financeiro. Mas ainda assim preferi esta solução, pois meu trabalho na universidade está obviamente muito mais próximo à ma. condição de escritor.

Em carta de 18 de julho de 1968, Murilo volta a tocar no tema da questão econômica, devido à sua situação incerta no Instituto Ítalo-Brasileiro de Cultura: “Passarei férias diferentes este ano, com grande preocupação: Saudade no Rio, devendo fazer uma porção de coisa, inclusive, por ordem no nosso apartamento fechado há anos; e eu com a minha situação incerta, não sabendo ainda se permaneço no Instituto, ou se retorno à Universidade. Paciência”. Entre os cartões postais há: um datado 16 de abril de 1969, com uma imagem de uma obra de Nobuya Abe, assinado por Murilo, Saudade, R. Alberti, Vinicius e sua esposa Cristina Gurjão, Florinda Bolkan e Chico Buarque; e outro enviado de Nova Iorque em 28 de agosto de 1967 onde está escrito: “Estamos aqui há uma semana de passagem pa. Montreal, ‘Encontro internacional de poetas’”. Neste postal, Murilo lamenta que o avião não tenha parado em Barcelona e manifesta interesse por Nova Iorque, sobretudo “pela enorme variedade de tipos humanos” e pelos museus. Há outro postal de felicitações de final de ano com uma reprodução de um quadro de Paul Klee:

Acabo de receber – por via marítima, com enorme atraso – alguns exs. de *A idade do serrote*. Dentro de alguns dias receberão o “vosso” ex.. Mais uma vez agradeço ao João, sem ele é quase certo, que o livro ainda permanecesse

inédito (tiro o quase). Veio com muitas gralhas; corriji só as ditas em francês e italiano deixando as em português pa. não enfeiar o livro.

No cartão postal enviado de Cuenca em 11 de agosto de 1969, Murilo escreve que o “museu moderno de Cuenca representa um grande esforço e a situação da sede é fantástica. Encontramos artistas apresentados pelos Torroella”. Na carta de 14 de julho de 1968, Murilo acusa o recebimento da obra completa de João Cabral: “Que ótimo ter num só volume todos os textos da sua grande obra que, à medida que os anos passam, cada vez mais importante me parece (e não só a mim, obviamente) pela brecha que abriu na poesia brasileira, fazendo circular um ar novo”. Há referências à entrada de João Cabral na Academia Brasileira de Letras na carta de 18 de julho de 1968:

Caso possa ser-lhe útil na questão da sua eleição à Academia, não hesite em me falar sobre. Penso que meus amigos ali são também seus: Manuel, Alceu, Afonso Arinos, Aurélio. Mas tenho relações muito cordiais com Cassiano, Calmon, Montello, Múcio Leão e talvez outros de que não me recordo no momento. Não faça cerimônias.

Em 24 de Julho de 1968, Murilo escreve sobre o mesmo assunto:

Na lista de nomes e membros da Academia, que lhe mandei há dias, esqueci de mencionar o do Augusto Meyer, com o qual mantenho há longos anos excelentes relações. [...] Parece idiotice da ma. parte oferecer ajuda a um grande nome como você no caso da eleição à Academia. Lembrando-me, entretanto, das dificuldades que entre outros, teve por exemplo um Jorge de Lima, arrisquei-me a fazê-lo.

Finalmente, em 28 de agosto de 1968, de Lisboa, pôde parabenizar o amigo: “Os parabéns deveriam ser dados mais à Academia do que a você. Mas a você também os dou, mormente diante da unanimidade de todos, de impressionar. Tenho dito a alguns amigos escritores portugueses, que não há o menor perigo de você se academizar”. No final da carta, Murilo fez um trocadilho com o nome de um candidato que havia se apresentado: “Acho que o Petrarca Maranhão, na próxima investida à Academia, já que não teve sorte com este nome, poderia adotar outro: p. ex. Quasimodo Piauí”. Em carta de 10 de novembro de 1968, há uma referência a uma possível candidatura de Murilo à Academia:

Quero renovar-lhe meu agradecimento pelo seu interesse no caso eventual da minha candidatura à Academia. Você manifestou-se mais uma vez o grande amigo de sempre, coisa que de resto não me surpreende. Resumo aqui a minha carta ao Alceu: não sou contra a Academia, contra as sociedades literárias (já que o homem é de instintos gregários, reunamo-nos em grupos). Tanto assim que pertenço a duas associações literárias europeias, além da associação internacional de críticos de arte. Além disto, a academia nos últimos anos recebeu no seu quadro nomes dos mais altos da literatura brasileira, culminando esta melhoria com a sua eleição. O que me indispõe é o fardão, e a obrigação de me dirigir a cerca de 40 cavalheiros. Deus me livre

de criticar os que o fizeram, muitos dos quais – a começar por você – são homens digníssimos, e da minha reverência. É uma questão de ordem pessoal, implicância, ojeriza. Pensando bem, “the heart of the matter” é outro: na minha idade seria desagradabilíssimo sofrer uma derrota. Para vencer a derrota, digo – a eleição, seria preciso contar com dois ou três cabos eleitorais eficientes, o que, penso, não se dá comigo. Pensando ainda melhor, há outro motivo mais forte: creio que não tenho mais nada a fazer neste mundo. Não que haja perdido o amor à vida – amor que, me recorde, impressionava muito Bernanos –, mas creio sinceramente que a ma. missão (?) está finda. Acumulam-se na gaveta os livros inéditos, dando-me uma sensação de inutilidade. Estou aliás escrevendo outros e sei que poderia escrever ainda outros – mas, sempre, para as gavetas. Não tenho filhos. Não creio que Saudade precise de mim. A época atual é de guerrilheiros, e sou revolucionário só na cabeça. Veja você: a repetição, muito próxima, nesta carta, da palavra “além” não será significativa? Creio que estou perto da morte e, como dizia o Ismael, um homem que pensa não deve se deixar surpreender estupidamente por ela. A eleição à Academia me pediria um esforço muito grande que não estou em condições de cumprir.

Em 3 de abril de 1969, Murilo agradece pelo envio do discurso da posse na academia: “Acho que você fez bem falando de Chateaubriand somente como escritor-jornalista. Foi também hábil e exato nas suas considerações de pp. 24-26 sobre a Academia; concordo. Você agora, isto é, depois da posse, estará em condições de chefiar uma pequena revolução, talvez mais significativa do que a (em vão) esboçada pelo meu saudoso Graça Aranha; isto é, uma alteração do estatuto, abolindo o fardão”. Há, na correspondência, inúmeras referências a terceiros: escritores, críticos, pintores etc. Nesta carta de Lisboa de 68, Murilo escreve: “Tenho estado aqui com o Mário Pedrosa. Ele manifestou-me o pesar de conhecê-lo pouco pessoalmente. É o homem extraordinário de sempre – somos amigos há 42 anos (sic). Realmente eu tenho tido uma sorte enorme de conviver de perto com homens da qualidade de Cabrais e Pedrosas”. Murilo demonstra, em muitas cartas, interesse pela tradução dos poemas de João Cabral na Itália, como, por exemplo, na carta de 20 de março de 1969, na qual Murilo indica seus contatos com o editor Vanni Scheiwiller e o tradutor Ruggero Jacobbi⁹:

Esteve há dias aqui o Vanni Scheiwiller. Mais uma vez falei-lhe sobre o meu projeto de uma plaqueta com alguns textos seus e uma pequena nota de introdução feita por mim. Ele continua interessado na publicação; dependendo a coisa somente do Ruggero. Tornei a falar hoje sobre o assunto, ao dito Ruggero, que de novo me prometeu entregar ainda este mês os textos. Vamos ver. É verdade que ele tem uma vida incrível (3 famílias a seu cargo!...), uma loucura; mas ao mesmo tempo é um monstro para trabalhar.

⁹ Jacobbi foi responsável pela organização e tradução de uma série de volumes de Murilo Mendes e de poetas brasileiros: *Lirici brasiliani dal modernismo ad oggi* (1960, com textos poéticos em edição bilíngue), *Introduzione alla poesia di Murilo Mendes* (1961), *Le metamorfosi* (1964), *Poesia libertà* (1971), *Poesia brasiliana del Novecento* (1973), *Antologia di prose* (1975), *Mondo enigma* (1976).

Inútil acentuar que, sendo eu o autor da ideia, continuo sempre muito interessado em que a mesma se concretize.

A carta de 17 de julho de 1969 traz mais informações sobre o incentivo de Murilo à tradução dos textos de João Cabral em italiano:

Ruggero vem aqui amanhã, e levará meu texto para traduzi-lo. Insisti outra vez com Luciana para colaborar na plaqueta com algumas traduções (que ela já esboçou); mas apesar da admiração que tem por você, está refugando, já que “molto impegnata” na redação da história da literatura brasileira¹⁰ a ser publicada em breve aqui – coisa, obviamente, do maior interesse para nós.

Na carta de 20 de março de 69, Murilo fala a respeito do trabalho de correção e polimento dos textos de *Espaço espanhol* e da conclusão do livro em italiano, que se intitulará *Ipotesi* (1977):

Quanto a mim, estou terminando *Espaço espanhol* (prosa), no qual mexi durante todo o ano passado, todo dedicado à redação do livro italiano, finalmente pronto (uf!). Deixei para escrever por último a página sobre Sevilha. Às vezes desisto de fazê-lo, pensando que você poderá ter um ataque ao ler a dita futura página; mas não tenho razão. É prova de orgulho besta. Mesmo que eu tivesse passado 10 anos em Sevilha, nossa visão da cidade poderia ser diferentíssima. Conto a priori com a sua indulgência. O receio de importuná-lo me impede de pedir-lhe sugestões para essa página e para o livro em geral.

Nesta carta de 20 de março, Murilo se refere à publicação de um artigo de Luciana Stegagno Picchio e Roman Jakobson na revista francesa *Langages*, sobre o oximoro em Fernando Pessoa: “E o dito Jakobson quer fazer um livro com ela, sobre os paralelismos”. Pergunta se João e Stela receberam *A idade do Serrote*, enviado em janeiro daquele ano e acrescenta: “Quanto a *Convergência*, o frei não se mexe, e o Haroldo manda me dizer que não consegue localizá-lo”. A resposta de João Cabral (também preservada no acervo) é do dia 24 de março de 1969: “Vejo que v. continua trabalhando no que interessa. Invejo-o e não só nisso. Mas sua visão da Espanha, também. V. está mais apto a captar esta gente e esta paisagem que eu. Espero que quando o livro estiver pronto me mostre”. Em seguida, João Cabral acrescenta: “Recebi *A idade do serrote* e impresso ainda me pareceu mais importante. No Brasil, vou ver se localizo o Frei Benevenuto para saber de *Convergência*”. Na carta de Lisboa de 10 de agosto de 1971, Murilo escreve: “Passaram-se vários meses sobre a publicação de *Convergência* e até hoje não sei se receberam o ‘vosso’ exemplar. Sendo você o

¹⁰ Na carta de 10 de agosto de 1971, Murilo informa João Cabral que a redação da *História da literatura brasileira* de Luciana Stegagno Picchio já estava “quase no fim”.

padrinho do livro, mais uma vez lhe agradeço”. Há uma carta de 3 de abril de 1971, danificada quase integralmente, em que é possível ler: “Esteve aqui o Haroldo (com a Carmen). Vai para os Estados Unidos, com uma bolsa da Guggenheim”. Em 18 de agosto de 1974 do Porto, Murilo escreve: “O Gastão de Holanda deseja publicar a minha antologia que você – para alegria e orgulho meus – organizou há já anos. Pedir-lhe-ia o favor de mandar ao dito Holanda alguns poemas de *Convergência* pa. que se complete a antologia. Caso não tenha o livro aí, mande mo dizer, escreverei à Editora que lhe envie um ex.”. Murilo afirma também que a edição italiana de *Morte e Vida Severina* é “um verdadeiro sucesso na universidade”. Na carta de 6 de março de 1975, a última preservada, Murilo reitera que *Morte e Vida Severina* é um sucesso entre os estudantes de letras e faz parte dos textos obrigatórios do curso de literatura brasileira. Se refere, mais uma vez, à antologia que nunca verá publicada: “O Gastão de Holanda escreveu-me que você não podia selecionar textos para *Convergência*, em vista da *Antologia*, pois não tem o livro aí à mão. Pelo que só me restou escolhê-los eu próprio”. No final da antologia lê-se: “Ao grande poeta e grande amigo João Cabral de Melo Neto, que espontaneamente organizou esta antologia, toda a minha gratidão”.

Conforme vimos até aqui, o epistolário não somente se destaca pelas numerosas referências aos aspectos biobibliográficos dos autores, mas se apresenta também como um documento que reporta dados históricos de interesse cultural, social e político. A correspondência de Murilo Mendes dirigida a João Cabral constitui um material precioso, por representar o canal ideal para a troca intelectual e por trazer informações sobre as leituras críticas¹¹ e as sugestões que encaminhavam um ao outro através das cartas e do envio de seus textos. Tais elementos possibilitam a reconstrução da gênese de diversas obras dos dois autores. Murilo exerce seu lado crítico ao analisar a obra do amigo poeta, assim como apresenta interesse em receber sugestões e opiniões a respeito de seus poemas. A leitura das cartas proporciona o conhecimento do intenso intercâmbio afetivo e intelectual entre os dois poetas que viviam fora do Brasil: o poeta mineiro promove, na Itália, a divulgação e a tradução de João Cabral, o qual, por sua vez, é solícito em ajudar Murilo com a publicação de suas obras no Brasil e com as práticas burocráticas relativas ao seu contrato de professor universitário em Roma.

Referências

¹¹ Sobre Murilo Mendes como crítico cfr. *Murilo Mendes: o poeta brasileiro de Roma* (2013) de M. B Amoroso, sobretudo o capítulo “O olho do poeta-crítico”.

AMOROSO, Maria Betânia. *Murilo Mendes: o poeta brasileiro de Roma*. São Paulo: UNESP; Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, 2013.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CARVALHO, Ricardo Souza de. *A Espanha de João Cabral e Murilo Mendes*. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Territórios/ Conjunções: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. *Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

_____. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

_____ (org.). *Cartas de Murilo Mendes a Roberto Assumpção*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

_____ (org.). *Cartas de Murilo Mendes a correspondentes europeus*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SERIANNI, Luca. Norma stabile e norma in movimento. Grafemi e segni paragrafematici. In: _____. *Prima lezione di grammatica*. Bari: Laterza, 2006, pp. 102-117.

SOUSA, Carlos Mendes de. “Conversar-escrevendo: João Cabral e Murilo Mendes”, *Colóquio/Letras*, n° 200, Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro de 2019, pp. 123-160.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.